

A FALSA DICOTOMIA QUALITATIVO -QUANTITATIVO: PARADIGMAS QUE INFORMAM NOSSAS PRÁTICAS DE PESQUISAS

Profª Rosalina Carvalho da Silva

Departamento de Psicologia e Educação da FFCL RP USP

A preocupação com o conhecimento dos quadros de referências que informam, dão sentido e rumos às nossas práticas, é importante para uma formação mais adequada do pesquisador.

Quando o estudante se prepara única e exclusivamente para provas, que bem podem ser as dissertações ou teses, sem a preocupação com o conhecimento e o saber reflexivo, poderá obter títulos mas não terá construído sua aprendizagem.

Acrescente-se a essa idéia que, o pesquisador que não sabe exatamente em que campo se insere seu trabalho e não consegue responder de onde se origina e a que tipo de construção de conhecimento serve, estará, certamente, desempenhando uma prática alienada de pesquisa.

É necessário que o pesquisador, muito mais do que saber defender sua posição metodológica em oposição a outras, saiba que existem diferentes lógicas de ação em pesquisa e que o importante é saber manter-se coerentemente dentro de cada uma delas. Além disso, é necessário que o pesquisador saiba explicitar em seu relato de pesquisa a sua opção metodológica e todo procedimento desenvolvido na construção de sua investigação e os quadros de referência que o informam.

I - QUADROS DE REFERÊNCIAS EM PESQUISAS.

Os quadros de referências constituem "uma espécie de matriz disciplinar que agrupa um conjunto de paradigmas... Pode tratar-se de protocolos informais que, freqüentemente não tomam forma de regras explícitas, mas que nem por isso deixam de condicionar e de orientar toda prática teórica ou mesmo o trabalho de pesquisa em sua totalidade."

(Bruyne, Herman e Schoutheete, 1991, p.133)

Para Gialdino (1993) "paradigmas" são marcos teóricos-metodológicos de interpretação dos fenômenos criados e adotados por pesquisadores de acordo com: 1-) uma visão filosófica de mundo; 2-) a determinação de uma ou várias formas ou estratégias de acesso à realidade; 3-) a adoção ou elaboração de conceitos ou teorias que se acredita ou que se supõe dar fundamento para o entendimento dos fenômenos; 4-) contexto social no qual o pesquisador se encontra; 5-) a sua forma de compromisso existencial; e 6-) a eleição dos fenômenos que se vai analisar.

Ainda para a mesma autora essa forma de definir paradigmas é mais aceita nas ciências sociais, pois, para muitos, sobretudo os que se apoiam no positivismo adotado nos modelos biomédicos ou físicos a definição de paradigmas, ainda mais aceita é a de Kuhn, para quem: "Paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante um certo tempo, proporcionam modelos de problemas e soluções a uma comunidade científica." (Kuhn, 1971 apud Gialdino; 1993 p.25).

Os paradigmas assim definidos por Kuhn, são próprios ao quadro positivista. Estes pressupõem que existem leis gerais que regem os fenômenos, inclusive os sociais e que devem ser buscadas a constância e a regularidade dos mesmos o que permitiria a formulação de leis, generalizações e predições.

Essa posição epistemológica básica no positivismo clássico recusa a possibilidade de compreensão subjetiva dos fenômenos. Esta atingiria de frente a neutralidade

científica, uma das premissas básicas para a pesquisa nessa posição.

Durante muito tempo prevaleceu mesmo nas chamadas ciências "softs", como as humanas e sociais, a predominância desse tipo de postulação positivista nas pesquisas. Ou seja, para ser considerado científico o estudo precisava demonstrar preenchimento de critérios previstos nessa visão unitária de ciência. Nela só é considerado científico o conhecimento gerado dentro de um processo que cumpre os requisitos sistemáticos de relevância explicativa e de contrastabilidade empírica, sejam estas de caráter dedutivista ou geradas através de explicações probabilísticas.

Essa visão unitária de ciência fez e faz ainda com que muitos falem em "**método científico**" **no singular**, como se houvesse sempre uma única forma adequada de pesquisa.

Em virtude desse tipo de pensamento predomina em psicologia e ciências afins o que Bruner (1997) chama de..."reinante espírito de **pequenos estudos limpos**," e do que Gordon Allport outrora apelidou de **metodolatria** ... p.11

Apesar disso, afirma Bruner (1997) levantam-se na atualidade novamente grandes questões tais como..."a natureza da mente e de seus processos, sobre o modo como construímos nossos significados e as nossas realidades sobre a formação da mente, mediante a história e a cultura." p.11

Novas e velhas questões se apresentam neste fim de século, no qual ocorrem intensas mudanças de valores em todos os setores das sociedades. Com isto, as diferentes áreas disciplinares de estudo da vida humana passam por inquietações, revisões e reformulações. Os pequenos "estudos limpos" não dão conta das respostas reivindicadas pelas sociedades. Para esses "estudos limpos" segundo Bruner (1997), existem tópicos interditos tais como os estados intencionais, os significados, as construções da realidade e suas regras mentais entre outros.

O autor em seu livro cujo o título original é "Acts of Meaning" (Bruner;1997) propõe para a psicologia, inclusive para que esta disciplina tente resolver sua atual crise de identidade; que ela retome seus estudos cujos temas principais sejam os significados dos atos.

Bruner (1997) propõe reflexões sobre uma psicologia que se debruce sobre a cultura, que, em contraste com o ambiente básico de pesquisa, com todos os seus deslocamentos e simplificações, enfrente a realização de estudos sobre as formas culturais da criação dos significados e o lugar central que estas ocupam na ação humana.

Não se trata, afirma Bruner (1997) de propor um..." estudo global de todos os aspectos do processo de criação de significado. Seria, aliás impossível. É, antes, um esforço para elucidar o que é a psicologia quando se concentra unicamente no significado, como, inevitavelmente, ela se torna uma **psicologia cultural** e como se deve aventurar para lá das metas convencionais da ciência positivista, com seus ideais de reducionismo, de **explicação causal e de previsão...** Quando lidamos com o significado e com a cultura, enveredamos inevitavelmente por outro ideal. **Reduzir o significado, ou a cultura a uma base material ou biológica**, dizer que uma dada produção cultural "depende", por exemplo, do hemisfério esquerdo, ou coisa que o valha, é cair na banalidade a serviço de uma concreção deslocada. Insistir na **explicação** em termos de "causas" impede-nos, logo à partida, de tentar compreender como é que os seres humanos interpretam os seus mundos e como **nós** interpretamos os **seus atos** de interpretação..."p.12

O autor continua suas considerações chamando a atenção para o fato de que o alvo da psicologia, no sentido proposto, é alcançar a **compreensão**. E, pergunta se compreender previamente os fenômenos que se está observando não será ao final de contas o que se tem como objetivo nos estudos que se centram nas previsões ? **Não seriam as "interpretações plausíveis preferíveis às explicações causais**, sobretudo

quando a consecução de uma explanação causal nos obriga a tornar artificial o que estamos a estudar até o ponto de quase já não se reconhecer como representativo da vida humana ?" p.12

As atividades simbólicas que os seres humanos empregam na construção e criação dos sentidos para a vida incitam a psicologia a unir forças com as disciplinas interpretativas nas humanidades e nas ciências sociais.

Adotar esse ponto de vista significa assumir uma **segunda visão, a Compreensivista** ou **Interpretativista** na qual o ponto de vista dos envolvidos nos fenômenos assume prioridade como objeto de estudo.

Essa segunda visão, advoga a deficiência da posição baseada na prioridade epistemológica da explicação e das ciências naturais, pelo fato destas não levarem em conta que as realidades sociais se constituem num determinado tempo, e que os grupos que as constituem são mutáveis... "e que tudo, instituições, leis visões de mundo são provisórios, passageiros, estão em constante dinamismo e potencialmente tudo está para ser transformado." (Minayo, 1993 p.20). Ou seja, enquanto no mundo físico e os fenômenos naturais é possível encontrar uma estrutura invariante na qual é possível encontrar regularidades empíricas, no trabalho das ciências sociais se deveria prestar atenção ao caráter simbólico da vida humana e os horizontes de sentidos que a constituem. (Pardo; 1997).

A compreensão priorizada em relação às explicações causais fazem parte segundo Gialdino (1993), de um "... Paradigma Interpretativo que está em vias de consolidação e seu pressuposto básico é a necessidade de compreensão do sentido da ação social no contexto do mundo e da vida dos participantes." p.43.

Para a mesma autora a adoção desse paradigma significa a resistência à naturalização do mundo social e às predições e generalizações nos estudos sociais. Isto

porque, a noção de sociedade humana traz em si um conjunto de conceitos que é logicamente incompatível com os tipos de explicações causais e generalizações propostas pelas ciências naturais. Essa visão faz intrinsecamente parte das postulações das investigações **Qualitativas**.

Para Valles (1997) há na verdade a coexistência de vários paradigmas nas investigações que se pretendem qualitativistas ou quantitativistas. O autor referindo-se aos trabalhos de Guba e Lincon (1994) diz que os paradigmas devem ser entendidos como sistemas de crenças básicas, princípios e pressupostos sobre:

- " a) A natureza da realidade investigada (pressuposto ontológico).
- b) Sobre o modelo de relação entre o investigador e o investigado (pressuposto epistemológico).
- c) Sobre o modo em que podemos obter conhecimento da dita realidade (pressuposto metodológico)." p.49

Não se trata, portanto quando implementamos uma investigação de conhecer aspectos metodológicos unicamente. Pois, para Valles (1997) o **Paradigma** deve guiar o investigador nos aspectos ontológicos e epistemológicos da investigação, além logicamente da seleção dos métodos. Esses três aspectos se acham sempre intrinsecamente relacionados. De modo que, a crença básica que tenha o investigador no nível ontológico deve levá-lo a adotar posturas consonantes nos planos epistemológicos e metodológicos.

A coerência entre esses três níveis de componentes para diagnósticos é o que nem sempre encontramos, seja em investigações quantitativas ou qualitativas. Encontramos, por exemplo, investigações que privilegiam os aspectos metodológicos mais apropriados a interpretação, de um dado fenômeno social do ponto de vista das versões de seus participantes, sendo ao final do trabalho interpretados pelo pesquisador como a uma realidade objetiva.

I.1 AS COEXISTÊNCIAS PARADIGMÁTICAS

Ao observarmos a literatura que se dedica ao estudo dos elementos históricos, metodológicos e técnicos das investigações qualitativas, observamos que existem diferentes maneiras de agrupar ou conceber a variedade de paradigmas.

Alguns autores, segundo Valles (1997) adotam a versão de dois paradigmas que se contrapõe:

- 1-) Paradigma "prevalente", "clássico", "racionalista", "positivista" de um lado.
- 2-) Paradigma "emergente", "alternativo", "naturalista", "construtivista", "interpretativista", de outro". p.52

O primeiro diz respeito a uma só realidade objetiva, sujeita às leis universais da ciência e manipulável mediante processos lógicos. O segundo, em oposição assumiria a existência de realidades múltiplas com diferenças entre elas, que não podem ser resolvidas através de processos racionais ou simplesmente aumentando os tamanhos amostrais (Erlandson et al; 1993).

A variedade de paradigmas praticamente divididas em três classificações é defendida por autores como Crabtree e Miller (1992) que apoiando-se, segundo eles na obra de Habermas (1968) afirmam coexistir:

- 1-) **O paradigma da Investigação Materialista** (materialistic inquiry).

Representado pelo positivismo e pelo modelo biomédico... Respalda pela ciência de laboratório e pelos métodos quantitativos. Sua lógica segue um processo linear (em fases) que se inicia com a definição do problema a investigar, passa por uma revisão da literatura e a formulação de hipóteses até chegar ao desenho, para prosseguir nas operações de instrumentação, amostra, coleta de dados e análise, concluindo com os resultados e a revisão de hipóteses...

- 2-) O paradigma da **Investigação Construtivista** (também denominado naturalista ou hermenêutico). Este segundo paradigma baseia-se no conhecimento que

nos ajuda a manter a vida cultural, nossa comunicação e significado simbólicos. Respalda pela metodologia qualitativa cuja lógica segue um processo circular que parte de uma experiência... e trata de interpretar em seu contexto e sob diversos pontos de vista dos implicados. Não se buscam verdades últimas e sim relatos. O desenho é aberto à invenção; à obtenção de dados e ao descobrimento; e à análise e à interpretação.

3-) O paradigma da **Indagação Crítica ou Ecológica** (critical/ecological inquiry). Este terceiro paradigma de conhecimento, ajuda a manter a vida social, enfoca a realidade da dominação, a distribuição do poder e as desigualdades associadas. Aponta os efeitos do sistema. Serve-se do conhecimento histórico e da articulação dos paradigmas materialista e interpretativo para desmascarar a ideologia e a experiência do presente... Se adequa ao compromisso político e ao estudo dos sistemas" p.56

Para Guba e Lincoln (1994) é possível identificar a coexistência de quatro paradigmas: **Positivismo, Pós-Positivismo , Teoria Crítica** e enfoques afins e o **Construtivismo**.

Os autores encaixam dentro da perspectiva do paradigma da teoria crítica as correntes de investigação do: neo-marxismo, feminismo, materialismo e as investigações participantes, porém sem limitar-se a estas tendências. Assinalam ainda, que à teoria crítica podem estar ligados o pós-estruturalismo , pós-modernismo, e a combinação de ambos.

Valles (1997) assinala que as principais características da teoria crítica e enfoques afins seriam: 1-) do ponto de vista ontológico seu componente principal é o "realismo histórico, realidade configurada por valores sociais, políticos, culturais, econômicos, étnicos e de gênero"... "realismo histórico que se contrapõe ao realismo ingênuo do positivismo e ao realismo crítico do pós-positivismo"... De outro lado o **Construtivismo** fica caracterizado do ponto de vista ontológico por um "relativismo derivado das realidades construídas em contextos concretos." p. 56.

2-) Do ponto de vista epistemológico, a teoria crítica é permeada pela crença, de

que a investigação, a obtenção do conhecimento, está sempre mediada pelos valores do investigador. É importante lembrar que para o positivismo clássico os resultados são sempre considerados certos graças à objetividade. Já para o **pós-positivismo** os resultados são considerados como possivelmente certos e a objetividade se entende como relativa.

3-) Do ponto de vista das questões de ordem metodológico-prática, os paradigmas alternativos se enquadram na teoria crítica exibem uma série de questões de ordem tais como: a) **do ponto de vista dos objetivos da investigação** estão quase sempre presentes para a teoria crítica... "a crítica e a transformação das estruturas sociais, políticas, culturais, econômicas, étnicas e de gênero que constroem e exploram a humanidade" p.57.

As posições dos investigadores são também de ativistas. Ao invés dos objetivos de explicação, perseguido por positivistas e pós-positivistas que levam a ideais de predição e controle, os investigadores críticos buscam as interpretações que instiguem ou facilitem as mudanças sociais. Já para o **Construtivismo**, a crítica e a transformação estariam centradas nas metas de reconstrução dos pontos de vista dos implicados no que está sendo estudado..." p.57. b) **A geração e a acumulação do conhecimento** para os críticos, surge e vai modificando-se durante um processo dialético de revisão histórica. Enquanto para os positivistas o conhecimento se acumula como um edifício que vai sendo erguido, para as posições construtivistas o conhecimento se equipara às interpretações consensuadas, construídas em um processo dialético. c) Quanto aos **critérios de avaliação da qualidade** das investigações, para os críticos os principais elementos são a contextualização histórica da situação estudada, o grau em que a investigação trabalha com o dismantelamento da ignorância e desmascaramento de preconceitos e ainda, o grau em que os resultados proporcionam estímulos para a ação e transformação das estruturas existentes. Já para os outros tipos de pesquisa qualitativas, tais como as que se encaixam nos quadros de referência do construtivismo e interpretativismo, os critérios de qualidade não são como os dos modelos das ciências naturais positivistas, mas, devem seguir um rigor interno como será discutido mais adiante.

O CONSTRUTIVISMO E O INTERPRETATIVISMO

Embora sejam considerados por muitos estudiosos como relacionados, esses termos são também diferenciáveis, e merecem uma seção à parte para a discussão dessa questão.

Valles (1997) nos diz que em ciências sociais o construtivismo é mais recente que o pensamento interpretativista, embora ambos compartilhem uma herança comum: a oposição ao positivismo lógico.

Os construtivistas , ainda que façam suas as preocupações dos interpretativistas com a apreensão da experiência vivida pelos atores sociais sublinham o relativismo de todo conhecimento advindo da realidade social.

No interpretativismo e construtivismo existem várias versões concorrentes com diferentes embasamentos e pontos de partida filosóficos e teóricos.

Considera-se Dilthey e Weber além de Schutz os fundadores do interpretativismo. Os enfoques interpretativistas alinhados à hermenêutica ontológica embasam a preocupação fenomenológica por capturar o ponto de vista dos atores sociais (Valles, 1997).

Sob o guarda-chuva do conceito de construtivismo se encontram diversos usos e enfoques, como expõe Schwandt (1994): a filosofia construtivista de Nelson Goodman; o construtivismo radical de Von Glaserfeld; o construtivismo social dos Gergen; o construcionismo social das epistemologias feministas; o paradigma construtivista de Guba e Lincon; o construtivismo de Eisner, entre outros.

Da mesma forma Schwandt (1994) nos mostra que sob o guarda-chuva do

interpretativismo também estão um leque de perspectivas tais como: a antropologia interpretativa de Geertz; o interacionismo simbólico de Bruner; o interacionismo interpretativo de Denzlem, entre outros.

É importante salientar que para ambas as tendências paradigmáticas a **compreensão** dos fenômenos ao invés da explicação causal dos mesmos é a prioridade. Sendo desta forma, cada estudo uma versão possível para os fenômenos investigados.

Por essa razão é importante conhecer as características das investigações qualitativas para quando se escolher trabalhar com uma das estratégias que se enquadrem nessa modalidade, assim se faça não por mera oposição às metodologias positivistas tradicionais, mas por opção refletida que deverá ser levada a cabo com rigor e coerência.

II - CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Entre as características mais comuns as investigações qualitativas apresentadas por Bogdan e Biklen (1984) estão: 1-) Na pesquisa qualitativa o investigador é o instrumento principal; 2-) a investigação qualitativa tende a ser mais descritiva; 3-) na investigação qualitativa há mais interesse pelo processo do que pelos resultados ou produtos; 4-) os investigadores qualitativos tendem a analisar seus dados de forma indutiva; e 5-) o significado é de importância vital para as abordagens qualitativas.

Os mesmos autores esclarecem que as abordagens qualitativas e quantitativas podem ser complementares e que em alguns estudos isto é desejável, por exemplo utilizando-se estatística descritiva e apresentando-se conjuntamente a interpretação de dados qualitativos. A esse tipo de opção costuma-se chamar de triangulação metodológica.

II.1 - DESENHOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS QUALITATIVOS.

Além de conhecermos a variedade de paradigmas e perspectivas teóricas disponíveis que embasam as investigações qualitativas é necessário conhecer as estratégias metodológicas e os delineamentos informados pelos mesmos. Trata-se, portanto, do lado prático das direções teóricas contidas nos paradigmas e suas perspectivas. Procedimentos práticos alienados de suas fundamentações podem constituir-se apenas em encadeamento de técnicas.

II.2 ETAPAS DA PESQUISA QUALITATIVA

As etapas da pesquisa qualitativa são praticamente as mesmas da quantitativa e serão definidas e desenvolvidas de acordo com as diferentes matizes paradigmáticas escolhidas.

Baseado em Morse (1994) a sequência de fases e tarefas na realização de um estudo qualitativo pode ser representado segundo Valles (1997) da seguinte forma:

Quadro 1 - Sequência de fases e tarefas no desenho e realização de um estudo qualitativo.

1 - Fase de reflexão

- 1.1 - Identificação de tema e questões a serem investigadas.
- 1.2 - Identificação de perspectivas paradigmáticas.

2 - Fase de Planejamento.

- 2.1 - Seleção de um contexto.
- 2.2 - Seleção de uma estratégia (incluída aqui a possibilidade de triangulação metodológica com estratégias quantitativas e qualitativas).
- 2.3 - Preparação do investigador.
- 2.4 - Redação do projeto.

3 - Fase de entrada em campo.

- 3.1 - Seleção de informantes ou casos.
- 3.2 - Realização das primeiras entrevistas ou observações.

4 - Fase de coleta produtiva e análise preliminar de dados.

5 - Fase de saída de campo e análise intensa de dados

6 - Fase de redação dos resultados

Fonte: Baseado em Morse (1994) e Valles (1997)

Morse (1994) não descarta os vieses ideológicos que o pesquisador pode ter ao

introduzir ou conduzir a investigação. A autora alerta para isso e ainda para a preocupação com a proteção dos direitos humanos e todas as considerações éticas que se deve ter com os participantes do estudo e afirma que "a investigação qualitativa é tão boa quanto sejam as qualidades de seu pesquisador." p. 225.

Para a mesma autora, o investigador qualitativo tem que ter as qualidades que ela propõe como decálogo do Investigador Qualitativo exposto no quadro 2.

Quadro 2 - Decálogo do Investigador Qualitativo.

- 1 - É paciente, sabe ganhar a confiança dos que estuda.
- 2 - É polifacético em métodos de investigação social.
- 3 - É metuculoso com a documentação (dados diários).
- 4 - É conhecedor do tema que se propõe a estudar (sendo capaz de detectar pistas).
- 5 - É versado em teoria social (capaz de detectar perspectivas teóricas úteis a seu estudo).
- 6 - É, ao mesmo tempo capaz de trabalhar indutivamente.
- 7 - Tem confiança em suas interpretações.
- 8 - Verifica e contrasta, constantemente, sua informação.
- 9 - Esforça-se no trabalho intelectual de dar sentido aos seus dados.
- 10 - Não descansa até tornar público (publicar) seu estudo.

Baseado em Morse (1994) e Valles (1997)

É preciso que o pesquisador, para elaborar um desenho de pesquisa, saiba realizar:

a) **a formulação do problema**, ou seja, como tornar um problema investigável e como concretizar essa investigação; b) **as decisões amostrais**, seleção de contextos, casos, datas e modelos de obtenção de sujeitos e critérios para consideração de redundância ou saturação de dados; e c) **a seleção de estratégias metodológicas** de obtenção, análises e formas de apresentação de dados, ou seja, é necessário que o investigador saia a escolher os recursos técnicos tais como análise documental, questionários, entrevistas abertas ou

em profundidade, grupos focais, visitas, observações, entre outros, que sejam as mais adequadas para a consecução de seus objetivos.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

No que diz respeito a escolha das estratégias metodológicas de pesquisa é necessário lembrar que múltiplas escolhas entre elas podem ser feitas e em alguns casos, dependendo da investigação, devem ser feitas para que se proporcione uma aproximação mais adequada ou abrangente ao tema a ser estudado.

Podem ser consideradas estratégias de investigação: 1) os estudos de caso; 2) as observações participantes; 3) as investigações documentais; 4) as entrevistas breves ou em profundidade, dirigidas, semi-dirigidas, ou abertas; 5) as histórias de vida ou outras formas de estudo biográficos como os biogramas; 6) os grupos de discussão, grupos focais ou estratégias afins; e 7) as observações planejadas de diferentes formas conforme os objetivos da investigação.

As descrições dessas estratégias bem como seus pontos fortes e fracos em relação aos objetivos da investigação vem sendo largamente apresentada em várias obras, que tem destinado atenção especial às formas de colher e analisar dados em pesquisa qualitativa. Entre estes é interessante destacar Valles (1997); Bogdan e Biklen (1997); Goldenberg (1997); Delgado e Gutierrez (1994); Minayo (1993) entre outros.

II-3 CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS ESTUDOS QUALITATIVOS

Nem todos os investigadores qualitativistas buscam critérios alternativos para avaliar seus trabalhos. Devemos lembrar, como afirma Valles (1997) que existe uma variedade de posturas entre os pesquisadores da área; **a-**) aqueles que consideram que devem ser aplicados os mesmos critérios de avaliação que são aplicados à avaliação

quantitativa, ou seja, os conceitos de validade interna e externa, confiabilidade associadas à medição e operacionalização conceitual; **b-)** aqueles que argumentam a favor da redefinição desses critérios. Estes defendem a idéia de que acima de tudo os estudos devem apresentar consistência nas observações empíricas e produção de conhecimento transferíveis a outros contextos; e **c-)** aqueles que rejeitam qualquer tipo de critério de avaliação da pesquisa qualitativa alegando que qualquer tipo de investigação não persegue o conhecimento verdadeiro no sentido de certezas absolutas..

Para Valles (1997) deve-se deixar posturas extremistas e para ele... "a credibilidade de um estudo quantitativo relaciona-se à utilização que tenha sido feita de um conjunto de recursos técnicos... ; a triangulação de dados, métodos e investigadores; do apoio de uma documentação escrita ou visual própria ao contexto; das discussões com os colegas; revisões de informações e interpretação com as pessoas componentes do estudo; e dos registros de diários de campo e diários de investigação..." p.104. Estas seriam as formas de se estabelecer **credibilidade que substituiriam o controle metodológico e da aleatorização** realizada nos estudos positivistas clássicos em busca da denominada validade interna.

O mesmo autor também afirma que a **generalização** dos resultados buscada e considerada critério de qualidade nas investigações clássicas deve ser considerada como equivalente à noção de **transferibilidade** adotada como critério de boa qualidade nas investigações qualitativas.

Por transferibilidade deve-se entender, não a reprodução dos resultados encontrados (generalização) sob as mesmas condições mantidas em estudos anteriores, mas, a possibilidade de utilização dos procedimentos e resultados encontradas em situações semelhantes, respeitadas as peculiaridades dos novos contextos.

Valles (1997) defende a idéia de que o pesquisador qualitativo deve facilitar o acesso à documentação de seu estudo para que outros possam realizar inspeções aos

roteiros de entrevistas, transcrições, registros, etc, para que outros possam seguir os passos de seu trabalho, compreende-lo e verificar se os resultados encontrados seguem a lógica proposta para o estudo. A isto o autor chama de dependentibilidade.

Tecendo um paralelismo relativo entre às pesquisas quantitativas e qualitativas os critérios de confiabilidade e de rigor científico metodológico seriam os apresentados no quadro 3 resumindo-se o exposto até o momento.

Quadro 3 - Critérios de Confiabilidade em Pesquisa

Investigações Quantitativas Positivistas- Clássicas	Critérios de Referência	Investigações Qualitativas (em diferentes modalidades)
Validade Interna	Veracidade	Credibilidade
Validade Externa	Generalização	Transferibilidade
Veracidade	Consistência	Dependentibilidade

Adaptado de Valles (1997)

Os critérios de qualidade para Valles (1997) também estão associados à preservação da ética da proteção das pessoas envolvidas na pesquisa ultrapassando as questões habituais de privacidade, confidencialidade e consentimento.

III - QUANTITATIVO X QUALITATIVO: UMA FALSA OPOSIÇÃO

A maior parte dos estudiosos que faz críticas às abordagens quantitativas não o faz por conta das sistematizações ou análise dos fenômenos sociais empregadas em sua pesquisas, mas essas críticas dirigem-se fundamentalmente ao que Adorno (1979) denominou de "fetichismo do método" ou ao que Alport chamou de "metodolatria". Tendências essas que além de se pretenderem únicas e dominantes, muitas vezes pretendem substituir questões teóricas e ideológicas pela mensuração levada ao extremo ou ao mais alto grau de sofisticação, como que com isto se atingisse a **verdade**.

As críticas não são generalizadamente dirigidas a quaisquer mensurações. Devemos lembrar de estudos que se utilizam da estatística descritiva e de provas não paramétricas que são analisadas com padrões qualitativos e contribuem e informam novos estudos qualitativos.

As críticas são dirigidas à "metodolatria" que muitas vezes a serviço do método e de um pretenso rigor científico reduzem tanto os seus objetos de estudo que mal podemos reconhecê-lo como algo que deriva do mundo real e que vá de alguma forma contribuir para a construção do conhecimento que se necessita nesse mesmo mundo.

Podemos pensar que o confronto não esteja nas estratégias quantitativas ou qualitativas, mas, nos paradigmas que vão conduzir e informar essas práticas de pesquisa. Ou seja, as visões de mundo e de homem que estão informando essas práticas.

Da mesma forma que se pode encontrar estratégias clássicas, positivistas e quantitativistas de pesquisa que estejam realizando reduções extremadas a favor de um proclamado rigor científico, podemos encontrar estratégias qualitativas que realizando recortes ingênuos sem localizações históricas e contextuais, sejam tão alienadas e "metodolátricas" quanto as posturas positivistas que pretendem substituir ou suprir em sua deficiência.

Existem potencialidades nas articulações das posturas quantitativistas e qualitativistas.

Para Minayo (1994) "a contribuição da abordagem qualitativa para a compreensão do social pode ser colocada como **teoria e método**. Enquanto **teoria**, ela permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, grupos particulares e expectativas sociais em alto grau de complexidade... Enquanto **método** caracterizado pela empírea e pela sistematização, a abordagem qualitativa propicia a construção de instrumentos fundamentados na percepção dos atores sociais, tornando-se, assim, válida como fonte para estabelecimento de indicadores, índices, variáveis, tipológicas e hipóteses. Além disso, ela permite interpretações mais plausíveis dos dados quantitativos, auxiliando na eliminação do arbitrário que escorrega pela operacionalização dos modelos teóricos elaborados longe das situações empiricamente observáveis." p.30 e 31

A relação desejada entre o quantitativo com o qualitativo pode ser considerada complementar. Ou seja, enquanto o quantitativo se ocupa de ordens de grandezas e as suas relações, o qualitativo é um quadro de interpretações para medidas ou a compreensão para o não quantificável.

Para Ortí (1994) a relação entre métodos quantitativos e qualitativos pode ser considerada uma "relação de complementaridade por deficiência, que se centra precisamente através da demarcação, exploração e análise do território que fica mais além dos limites, possibilidades e características do enfoque oposto." p.89

Para Minayo (1994) as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas demonstram que:

- *"que as duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto;*
- *que uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um*

problema particular a ser analisado em toda sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;

- *que a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos.*

Do ponto de vista epistemológico, depreende-se:

- *que todo conhecimento do social (quantitativo ou qualitativo) só é possível por recorte, redução e aproximação;*
- *que toda redução e aproximação não podem perder de vista que o social é qualitativo e que o quantitativo é uma das suas formas de expressão;*
- *que, em lugar de se oporem, as abordagens quantitativas e qualitativas têm um encontro marcado tanto nas teorias como nos métodos de análise e interpretação." p.32*

E segue ainda a autora a informar que os trabalhos em saúde em sua maioria se enquadram nas ciências sociais e assim sendo tais estudos não deveriam se reduzir à produção de dados e indicadores externos aos sujeitos que conferem significado às ações de saúde.

Minaïo (1994) afirma que é importante considerar que "dados aglomerados e generalizados nem sempre correspondem à realidade social que pretendem explicar e à qual propõe adequar." p.32

Esse ponto de vista pode nos levar a pensar num outro critério para avaliar os trabalhos tanto quantitativos como qualitativos: pesquisas que tenham como objetivos a construção de um conhecimento que se preste, de uma ou de outra forma, a melhorar o mundo que estamos. Em outras palavras, não teriam as pessoas de uma dada comunidade o direito de conhecer as pesquisas financiadas com verbas públicas para conhecer as suas possíveis contribuições sociais. ? Os critérios de relevância social não deveriam também

contemplar as avaliações de qualidade das pesquisas ?

Como afirma Bleger (1977) até mesmo a pesquisa por mais básica que seja tem que dizer ao que ela se atrela para construção de um conhecimento que se aplique às necessidades da humanidade.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizando alguma das idéias até aqui apresentadas deve-se ressaltar que:

- É necessário conhecer o conjunto de paradigmas ou mesmo protocolos informais que embasam nossas práticas.

- É necessário saber quais são as visões filosóficas de mundo que embasam nossas pesquisas e as suas formas de compromisso existencial . Isto, para que não sejam desenvolvidas pesquisas alienadas falsamente ingênuas.

- É necessário saber que a boa qualidade da pesquisa depende da congruência de seu desenvolvimento em relação à visão paradigmática que a fundamenta ,e desta com as estratégias e análises adotadas.

- Existem critérios de qualidade e rigor metodológico em todos os paradigmas, é necessário que se saiba segui-los e explicitá-los na apresentação do trabalho.

- A oposição entre Quantitativo e Qualitativo é falsa. As verdadeiras oposições estão eventualmente, nos paradigmas que embasam as pesquisas.

- Por último, além de estar bem preparado para implementar uma pesquisa, é necessário ser ético no desenvolvimento de todos os passos de um estudo e lembrar que esse compromisso ético, quando se trata de verbas públicas tem que existir também em relação à toda sociedade. Pois o reducionismo ou a preferência por formas apenas facilitadoras de reprodução de estudos alienados de responsabilidade social é em última análise uma forma de má utilização de verbas públicas, o que em países subdesenvolvidos como o nosso muito mais do que um problema ético pode parecer um crime.

Referências Bibliográficas

Adorno, T.W. & Horkheimer, M. (1979) *Sociologica*. Madrid: Ed. Taurus.

Becker, H.S. (1997) *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais* (3a. edição) S.P.: Ed. Hucitec.

Bleger, J.(1984) *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*; Portugal-Porto: Porto Editora.

Bruijne, P.; Herman, J.; Schoutheete, M (1991) *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*; SP: Livraria Francisco Alves.

Bruner, J. (1997) *Actos de Significado: para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70

Crabtree, B.F.; Miller, W.L. (1992) Primary care research: a multimethod typology and qualitative road map. In: Crabtree, B.F & miller, W.L. (eds): *Doing qualitative research*, London: Sage.

Delgado, J. M. & Gutiérrez, J. (1995). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales*. Madrid: Ed. Síntesis.

Erlanson, D.A.; Harris, E.L; Skipper, B.L. & allen, S.D. (1993). *Doing naturalistic inquiry*. London: Sage.

Forni, F.H.; Gallart, M.A.; & Gialdino, I.V. (1993) *Métodos cualitativos. Vol. I Los problemas teórico-epistemológicos; Vol II La practica de la investigación*. Buenos

Aires: Centro Editor de America Latina.

Gialdino, I.V. (1993) **Metodos cualitativos: los problemas teorico metodologicos.**

Buenos Aires: Centro Editor de America Latina.

Goldenberg, M. (1997) **A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** .R.J.- S.P.: Ed. Record.

Guba, E.G.; Lincoln, Y.S. (1994) Competing paradigms in qualitative research. In Denzin, N. K. & Lincoln (eds). **Handbook of qualitative research**, Thousand Oaks, CA: Sage.

Minayo, M.C.S. (1994). **O desafio do conhecimento científico: Pesquisa Qualitativa em Saúde** (2a edição). SP-RJ: Hucitec-Abrasco.

Morse, J.M. (1994) Designing funded qualitative research. In: Denzin, N.K.& Lincoln, Y.(eds): **Handbook of Qualitative research**. Thousand Oak, C.A.: Sarge.

Ortí, A. (1994) La confrontacion de modelos y niveles epistemológicos en la gènesis e história de la investigacion social. In: Delgado, J.M. & Gutierrez, J. **Métodos y tecnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Ed. Sinteses.

Valles, M.S. (1997). **Técnicas cualitativas de investigación social: Reflexion metodológica y práctica profesional** Madrid: Ed. Sintesis Sociologia.